

O FUNCIONAMENTO DE DICIONÁRIO ELETRÔNICO DE LIBRAS COMO INSTRUMENTO LINGUÍSTICO

Élcio Aloisio Fragoso¹
Fernanda Silveira Pereira da Silva²

RESUMO: Partindo dos estudos desenvolvidos por Sylvain Auroux, o processo de gramatização de uma língua tem como pilar os instrumentos linguísticos, dentre os quais, a gramática e o dicionário se destacam. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo analisar o funcionamento de um verbete no dicionário eletrônico da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Para tal, analisamos o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza, nos apoiando no dispositivo teórico da Análise de Discurso Materialista articulada com a História das Ideias Linguísticas. Realizamos um recorte nos verbetes da letra M deste dicionário para compreender o seu funcionamento. Após as análises, observamos que este dicionário produz conhecimentos sobre a Libras, partindo dos estudos linguísticos da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Análise de Discurso. História das Ideias Linguísticas. Gramatização. Dicionário. Língua Brasileira de Sinais – Libras.

THE FUNCTIONING OF THE LIBRAS ELECTRONIC DICTIONARY AS A LINGUISTIC INSTRUMENT

ABSTRACT: Based on studies developed by Sylvain Auroux, the grammatization process of a language is based on linguistic instruments, among which grammar and the dictionary stand out. In this perspective, this article aims to analyze the functioning of an electronic dictionary of the Brazilian Sign Language – Libras. To that end, we analyzed the Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), by Guilherme de Azambuja Lira and Tanya Amara Felipe de Souza, relying on the theoretical device of Materialist Discourse Analysis articulated with the History of Linguistic Ideas. We cut out the entries for the letter M of this dictionary to understand how it works. After the analysis, we observed that this dictionary produces knowledge about Libras, based on linguistic studies of the Portuguese language.

Key words: Discourse Analysis. History of Linguistics Ideas. Grammatization. Dictionary. Brazilian Sign Language – Libras.

1 Doutorado em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professor Adjunto pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: elciofragoso@unir.br.

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – PPGML/UNIR. E-mail: fernandasilveira.tils@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os movimentos e lutas que as comunidades surdas enfrentam para que sejam valorizadas e respeitadas a sua língua, cultura e identidade vêm gerando uma gama de estudos e pesquisas principalmente no campo da Linguística. Tais pesquisas visam comprovar que as diferentes línguas de sinais não são apenas gestos aleatórios, mas apresentam aspectos linguísticos equivalentes às línguas orais, ou seja, estes aspectos apresentam análises em todos os níveis da linguística (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 17). O Dr. William C. Stokoe, Jr. (1919-

2000) foi um pesquisador que estudou extensivamente a American Sign Language – ASL; em 1960, ele foi o primeiro a afirmar que a ASL “atendia todos os critérios linguísticos de uma língua genuína – no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças” (PEREIRA et al, 2011, p. 59).

No Brasil, muitas pesquisas a respeito da Língua Brasileira de Sinais – Libras têm sido desenvolvidas nos últimos anos. Isso se deve principalmente ao seu reconhecimento pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a partir disto, políticas estão sendo implementadas, como a inserção da Libras como disciplina na Educação Superior, a criação de Escolas Bilíngues, a criação de curso superior de Libras e a legalização da profissão de tradutor e intérprete de Libras. Em função desse cenário, as pesquisas desenvolvidas sobre a Libras tratam dos seus aspectos linguísticos, da escrita de sinais, de questões relativas à tradução e interpretação entre a Libras e o Português, da Cultura e Identidade Surda, da educação bilíngue para surdos, entre outros.

Contudo, ainda faltam pesquisas com o olhar da História das Ideias Linguísticas, ou seja, estudar a história de constituição da Libras em sua articulação com a história do conhecimento produzido sobre ela e a política de Estado que se conjuga a esta articulação. Os estudos norteados pela História das Ideias Linguísticas se propõem a refletir sobre o conhecimento linguístico de

uma forma peculiar, na qual:

[...] se inscreve nas chamadas novas práticas de leitura, propostas pela análise de discurso francesa e que trabalham de maneira característica a construção de arquivos, ou seja, a leitura da história, sua interpretação. [...] O que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento linguístico que se foi produzido junto à nossa língua. (ORLANDI, 2001, p. 07).

Orlandi (2013, p.138) nos explicita que a Análise de Discurso proporciona apoio metodológico que amplia a nossa capacidade de compreender essas reflexões, por permitir relacionar “diferentes ordens de discurso: a do saber ‘sobre’ a língua e a do saber ‘à’ língua”. Sob essa perspectiva, a autora aponta que tratar das ideias linguísticas “é tratar a questão da língua, da produção de um conhecimento sobre ela, assim como da produção de instrumentos tecnológicos a ela ligados e sua relação com o povo que a fala” (ORLANDI, 2013, p.138).

Os instrumentos linguísticos são as bases materiais do processo de gramatização de uma língua, os principais são a gramática e o dicionário. Quando se pensa na construção de uma gramática e/ou um dicionário, imediatamente atribui-se a questão do ensino, porém não é desta perspectiva que trataremos esses instrumentos aqui, não na função desses instrumentos na escola, “mas do funcionamento deles na relação do sujeito com a sociedade na história” (ORLANDI, 2001, p.08), os instrumentos linguísticos são vistos aqui como objetos históricos, objetos de conhecimento.

A proposta deste artigo é refletir sobre as relações entre as noções de gramatização e de instrumentos linguísticos pertinentes à Língua Brasileira de Sinais – Libras, mais especificamente, sobre o funcionamento de um dicionário eletrônico como instrumento linguístico. Para este fim, abordaremos, à luz da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, a

constituição de um dicionário eletrônico de Libras, intitulado: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011), de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza como objeto discursivo.

O DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO LINGUÍSTICO

Como resultado de seus trabalhos, Sylvain Auroux formula a noção de gramáticas e dicionários como instrumentos linguísticos, pertencentes ao processo de gramatização de uma língua. Para este autor, a gramatização seria então, “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, [1992] 2014, p. 65). O marco histórico do processo de gramatização das línguas europeias deu-se no Renascimento, em que houve “uma imensa transformação na relação das línguas, ou melhor, uma revolução tecnológica que operou tanto uma produção maciça de línguas neolatinas quanto à descrição das línguas no novo mundo” (BAALBAKI, 2014, p. 86).

De acordo com Auroux ([1992] 2014, p. 75), a gramatização deve começar com a manifestação do primeiro saber metalinguístico de uma língua dada, essa manifestação precisa ser “a primeira margem significativa de uma série que se prolonga sem muita solução de continuidade até a redação de gramáticas e dicionários”. O autor segue explicando que a gramatização não tem fim, por ser um processo difícil de definir até que ponto este pode chegar. Contudo, podemos dizer que uma língua é gramatizada “quando podemos falá-la (ou lê-la), em outras palavras, aprendê-la (em um sentido suficientemente restrito), com a ajuda apenas dos instrumentos linguísticos disponíveis” (AUROUX, [1992] 2014, p. 76).

Ao concordar com Auroux, Petri (2012, p. 27) pontua que descrever e instrumentar uma língua é um processo que dificilmente findará,

e isto se deve ao nos depararmos com “novos fatos de língua a descrever e novas tecnologias que podem instrumentar esta língua”. Porém ao falar de normatização, a autora explicita que a gramática e o dicionário produzem um efeito de completude, “um efeito necessário para a constituição identitária de uma nação”, mesmo que essa constituição identitária se perca nos diferentes modos de funcionamento da língua diante de diversos grupos sociais.

A escola é o lugar instituído para o funcionamento da gramática e do dicionário, pois ela é considerada como o lugar em que se aprende a “usar adequadamente a língua” (PETRI, 2012, p. 27). É na escola que aprendemos a importância da gramática e o papel do dicionário, a importância desses instrumentos na sociedade. A exemplo disso, até pouco tempo atrás, os dicionários eram consultados nas escolas “em caso de dúvidas ou para se saber os sentidos supostamente ‘corretos’ das palavras. Assim, não se ensinava o dicionário, pelo contrário, era o dicionário que ‘ensinava’ como uma autoridade pouco questionada” (NUNES, 2010, p. 08). Sobre essa questão, Orlandi (2000, p. 98) afirma que “consideramos que o dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua”, eis o efeito da completude. Em outras palavras:

Aprendemos a respeitar o funcionamento regulador da gramática e o funcionamento compilador do dicionário, mas desde muito cedo nos deparamos com a impossibilidade de conhecer a gramática em sua totalidade e de conter os sentidos sobre as palavras que utilizamos. Trata-se de um efeito de sentido já estabilizado e dele decorre a ilusão de unidade de língua e de nação. (PETRI 2012, p. 27).

Nunes (2010) explicita que o modo como se olha um objeto, conseqüentemente, se determina a sua concepção, assim, um dicionário pode ser visto como uma simples lista de palavras com definições e exemplos. Porém, o

autor se apropria do olhar sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas em articulação à Análise de Discurso ao tratar este objeto, então, para ele:

[...] o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas “condições de produção dos discursos”. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas. (NUNES, 2010, p. 06).

Tal interpretação de Nunes se inscreve no que Orlandi (2000, p. 98) explicita sobre o interesse dado ao dicionário, considerando que este “é lugar de construção de memória social, em que se marca a relação da ciência com o Estado”, este, segundo a autora, precisa ser visto como instrumento linguístico, sendo “produzido na história, em um certo momento”, portanto, um “objeto tangível de nossa relação com a língua na história”. É na relação da história e da sociedade com os instrumentos linguísticos que se sustentam o valor dos estudos linguísticos que têm o dicionário como um objeto discursivo. Freitas (2020, p. 48) relata que, ao realizar esses estudos, é possível entrar num processo que permite observar e compreender o funcionamento da ideologia pelas marcas presentes nas formulações contidas nos dicionários, assim como este faz parte da reprodução/transformação das relações históricas de produção de sentido.

A GRAMATIZAÇÃO E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

É importante lembrar que o processo de gramatização das línguas “também cumpre um

papel de manutenção e preservação, tendo em vista que as línguas orais acabam se perdendo na ausência de instrumentos linguísticos que assegurariam sua patrimonialização” (PETRI, 2012, p. 28). Esse cenário pode ocorrer com as línguas minoritárias, como, por exemplo, as Línguas de Sinais, que são próprias das comunidades surdas. No Brasil, muitas pesquisas a respeito da Libras têm sido desenvolvidas nos últimos anos, porém, estas tratam normalmente da estrutura linguística, de sua escrita, de questões relativas à tradução e interpretação, da Cultura e Identidade Surda, da educação bilíngue, entre outros. Porém, ainda são poucas as pesquisas acerca dos instrumentos linguísticos da Libras, como afirma Silva (2012, p. 24):

Atualmente, há uma produção consubstanciada sobre a constituição do léxico, sobre a estrutura linguística da Libras, sobre a estrutura dos sinais, sobre a história da educação de surdos no Brasil. No entanto, não encontramos estudos que busquem compreender a constituição dos instrumentos linguísticos da Libras, estudos que tratem sobre a produção de conhecimento sobre essa língua, sobre o seu processo de gramatização. Provavelmente, pela história recente da oficialização e institucionalização da Libras, não dispomos de estudos sobre a constituição, formulação e circulação dos instrumentos linguísticos dessa língua.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, de acordo com Ferreira (2010, p. 11), “é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam”. Porém, neste texto, não trataremos da língua como um fenômeno natural. Este é um gesto teórico de leitura que está posto nos estudos linguísticos. Estamos tomando a língua aqui “como a base comum de processos discursivos diferenciados” (PÊCHEUX, 1995, p. 91). Dizendo de outra forma, partindo da teoria do discurso de Michael Pêcheux, a língua constitui o lugar material onde se realizam

os efeitos de sentido (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 172). É dentro dessa perspectiva que tratamos a Libras:

A Libras não pode ser vista somente como uma língua em que se interpreta de forma evidente, ela é uma língua em que se pode tanto constituir, formular como fazer circular o conhecimento. Há um investimento a ser feito em tornar esta língua como uma língua de produção de conhecimento e não somente uma língua em que se interpreta, sob a evidência de uma interpretação fiel, quando se pensa a produção do conhecimento sobre a própria Libras. Esta língua deve ser pensada como base material para a realização de processos discursivos diferenciados, dentre os quais o discurso científico e a circulação desse conhecimento, quer dizer, a língua de sinais servindo como base para a produção de textos teóricos. Estamos querendo dizer que a Libras deve ter visibilidade também como língua de produção e circulação de conhecimento, desse modo tem-se também visibilidade tanto da língua de sinais como sobre o próprio conhecimento produzido sobre ela. (MARIANI et al., 2021, p. 534).

O processo de gramatização da Libras vem sendo construído aos poucos, pois os instrumentos linguísticos e os registros históricos produzidos sobre essa língua, estão começando a ser analisados sob perspectiva da História das Ideias Linguísticas articulada com a Análise de Discurso Materialista. Esse processo parte de diferentes materialidades além dos instrumentos linguísticos mais conhecidos, gramáticas e dicionários. Também podem ser analisados “acontecimentos políticos, como a promulgação da Lei de Libras, institucionais e implementação de saber metalinguístico, por meio reuniões científicas, publicações acadêmicas e produção de materiais didáticos” (BAALBAKI, 2014, p. 86).

O estudo pioneiro sobre a gramatização da Libras foi desenvolvido por Silva (2012) em sua tese de doutorado. Neste trabalho, a autora relata que o seu interesse por essa temática surgiu durante o seu doutorado ao cursar a disciplina História das Ideias Linguísticas, antes ela tinha o interesse nas questões sobre leitura

e escrita de surdos. A autora desenvolveu um estudo com dicionários da Libras publicados de 1875 até 2010, separando em três períodos principais: o primeiro período com a publicação da Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos, de Flausino José da Gama, em 1875 até meados da década de 1960; o segundo período seria então dos anos 1960 até a década de 1990; e o terceiro período nos anos 2000 em função do reconhecimento legal da Libras como língua da comunidade surda do Brasil, em 2002.

Ao concluir sua pesquisa, a autora afirma que existe sim um percurso de produção científica sobre a Libras que permite aos demais autores elaborarem gramáticas e dicionários, instrumentos fundamentais para o processo de gramatização da Libras. Esse movimento traz legitimação a Libras, pois são esses estudos científicos sobre a língua, por meio dos saberes produzidos nos instrumentos linguísticos como os dicionários e gramáticas, que institucionaliza a Libras.

Estas reflexões sobre a produção dicionarística da Libras no Brasil possibilitaram-nos compreender que os instrumentos linguísticos marcam mesmo uma fundação dos estudos linguísticos sobre a língua de sinais no Brasil e a compreender o processo de gramatização pelo qual ela está atravessando. (SILVA, 2012, p. 268)

Partindo dessas reflexões, acreditamos também que novos estudos sobre o processo de gramatização da Libras se fazem necessários, pois com as novas tecnologias, novos instrumentos surgem afetando o modo como são produzidos os conhecimentos sobre essa língua, os dicionários eletrônicos são exemplos desses novos instrumentos linguísticos que circulam entre os usuários da Libras.

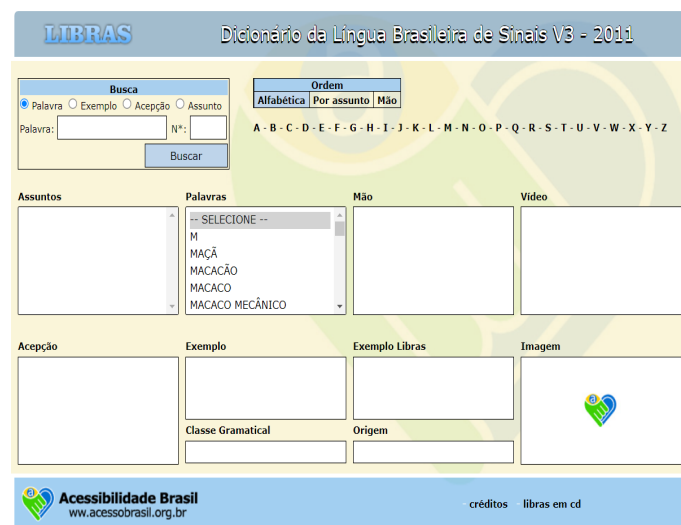
NOSSAS ANÁLISES

Analisaremos aqui o funcionamento do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza, versão eletrônica 3 de 2011,

disponível gratuitamente nos sites da Acessibilidade Brasil e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Observaremos em nosso recorte o modo de organização e de definição de alguns verbetes da letra M. A escolha de uma letra intermediária no dicionário segue os passos de Nunes (1996, p. 38), pois também julgamos que nestas letras “os critérios do lexicógrafo apresentam uma certa estabilidade, o que muitas vezes não acontece com as primeiras letras, onde o trabalho ainda é um pouco experimental”.

Ao analisar um verbe, se faz necessário considerar a particularidade do dicionário em questão. No caso dos dicionários de Libras, a sua textualidade é composta por diferentes elementos, constituindo a sua materialidade, como nos aponta Silva (2012, p. 99): “Os verbetes são constituídos por um conjunto de ilustrações do sinal e da descrição do sinal, sejam desenhos, fotografias ou vídeos, além de texto escrito em língua portuguesa”. Temos então, os verbetes do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais apresentados na seguinte estrutura conforme a figura 01: quadro de busca por palavra, exemplo, aceção ou assunto; quadro de ordem alfabética, por assunto ou mão; assuntos; palavras; mão; vídeo; aceção; exemplo; exemplo em Libras; classe gramatical; origem; imagem.

Figura 01 – Tela do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a letra M na ordem alfabética.



Fonte: Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Vamos começar observando o modo de busca de um sinal (entrada). Existem duas formas principais para procurar um sinal. O primeiro é o sistema de busca, na qual tem as opções palavra, exemplo, aceção e assunto. Após ser selecionada uma dessas opções, se digita uma palavra que será a referência principal da busca. A segunda forma é pelo sistema de ordem, que tem como opções a ordem alfabética, por assunto e mão (configuração de mão). Após uma das duas primeiras opções (ordem alfabética ou por assunto) serem selecionadas, basta clicar em uma das letras abaixo. Caso seja selecionada a opção mão, abre-se uma nova tela com 73 configurações de mão como mostra a figura 02.

Figura 02 – Tela com 73 configurações de mão do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011) ao selecionar a opção de busca por mão no sistema de ordem.



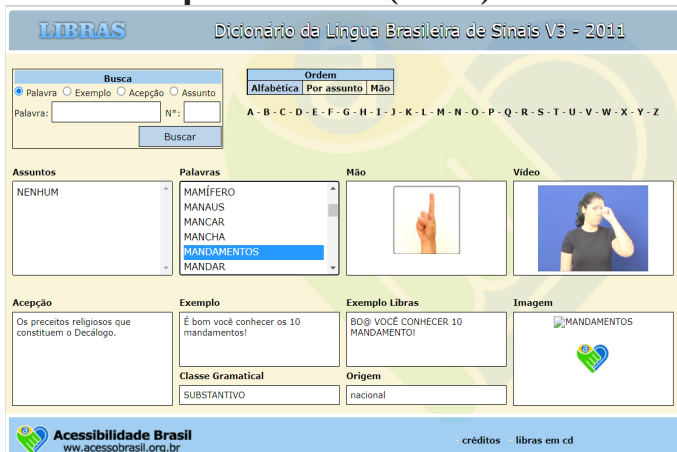
Fonte: Disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/3/> Acesso em: 18 de mar. de 2022.

A configuração de mão (CM) é um dos parâmetros gramaticais da Libras, “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal” (FERREIRA, 2010, p. 36). Ao selecionar uma dessas configurações, será mostrada uma lista de sinais que são realizados com essa configuração. Essa forma de busca de um sinal em um dicionário de língua de sinais seria a mais próxima de um dicionário monolíngue dessa língua, em que a entrada seria pela CM, a realização do sinal em vídeo, assim como a sua definição também sinalizada (SILVA, 2012, p. 249).

Como dito anteriormente, este dicionário também possibilita a busca do sinal por assunto, aqui os verbetes foram divididos em 21 grupos de assuntos, como: alimento/bebida; família; higiene/saúde; profissão/trabalho; sentimentos e outros. Basta selecionar essa opção, escolher um dos assuntos que logo na janela ao lado, aparece uma lista dos sinais correspondentes àquele assunto. Vejamos como se mostra o verbete para o

sinal MANDAMENTOS na figura 03.

Figura 03 – Tela do verbete MANDAMENTOS presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).



Fonte: Disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/3/> Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Ao analisar o verbete, temos a palavra MANDAMENTOS selecionada, ele pertence aos verbetes que estão agrupados no grupo de assuntos denominado NENHUM, a CM correspondente ao sinal, ao lado está o vídeo demonstrando como se realiza o sinal (este se repete constantemente), a aceção em Língua Portuguesa, um exemplo também na Língua Portuguesa, o mesmo exemplo em Libras, a classe gramatical segue baseada na Língua Portuguesa, a origem é nacional e não apresenta uma imagem fixa. Vejamos o modo de definição do verbete:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

MANDAMENTOS: Os preceitos religiosos que constituem o Decálogo. Ex.: É bom você conhecer os 10 mandamentos! Ex. Libras: BO@ VOCÊ CONHECER 10 MANDAMENTO! Classe gramatical: substantivo. Origem: nacional.

O que nos chama a atenção neste verbete é que ele apresenta em sua aceção e exemplo

apenas um sentido para a palavra, o religioso. Isso porque o sinal apresentado no vídeo, não é utilizado restritamente no sentido religioso pela comunidade surda. Tanto que no verbete seguinte, do sinal MANDAR, o vídeo se repete apresentando o mesmo sinal e a sua aceção e exemplo são diferentes, conforme a figura 04.

Figura 04 – Tela do verbete MANDAR presente no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011).



Fonte: Disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/3/> Acesso em: 18 de mar. de 2022.

Observando mais de perto o verbete temos:

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2011)

MANDAR: Ordenar; determinar; exigir que algo seja feito. Ex.: A mamãe mandou acabar a brincadeira e ir dormir. Ex. Libras: M-Ã-E MANDAR BRINCADEIRA ACABAR IR DORMIR. Classe gramatical: verbo. Origem: nacional.

Nesse verbete observamos que diferentes sinônimos são apresentados para o sinal MANDAR, julgamos então que outros sentidos no verbete de MANDAMENTOS poderiam ter sido atribuídos, mas não foram. Dizendo de outra maneira, foi uma escolha dos lexicógra-

fos apresentar o sinal de MANDAMENTOS apenas no sentido religioso, dito com outras palavras, esse verbete se materializa por um funcionamento discursivo ancorado em sentidos hegemônicos. O sentido se apresenta como sendo o único possível, como podendo ser somente aquele, mas ele pode ser outros. Isso é o funcionamento da ideologia, que produz essa ilusão de que o sentido é único.

A escolha por uma definição religiosa por parte dos lexicógrafos não se dá de forma consciente, a ideologia incide nesse processo. É interessante pensar aqui, no efeito de univocidade do sentido e na hegemonia do sentido religioso em “mandamentos” – escolher uma palavra por outra implica uma relação de forças e de poder, bem como denuncia o funcionamento das formações ideológicas e discursivas que constituem dadas posições dos sujeitos-lexicógrafos neste caso. Pêcheux ([1938-1983] 2008, p. 34), formula sobre essa necessidade de “mundo semanticamente normal”, normatizado, partindo das relações de cada sujeito com a sua realidade imediata.

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos) ... (PÊCHEUX, [1938-1983] 2008, p. 33).

Como dito anteriormente, neste dicionário as informações são dadas em Língua Portuguesa, explicitando, assim, uma prioridade desta em relação à Libras, o que nos remete ao discurs-

so que se encontra na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. No parágrafo único do seu Art. 4º consta o seguinte: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Observamos que os lexicógrafos apresentam somente o vídeo demonstrando o sinal e a transcrição do exemplo para a estrutura sintática da Libras, na forma escrita. Vejamos os exemplos referentes aos sinais MANDAMENTOS e MANDAR.

Sinais – Libras. A produção desses instrumentos foi intensificada após a Libras ser reconhecida como meio legal de comunicação das comunidades surdas do país pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

Os dicionários de Libras formulam conhecimentos sobre essa língua, constituindo assim o seu processo de gramatização. Compreender a singularidade do dicionário é levar em conta que este instrumento “nunca é completo

<i>Sinal/Entrada</i>	<i>Língua Portuguesa</i>	<i>Libras</i>
MANDAMENTOS	É bom você conhecer os 10 mandamentos!	BO@ VOCÊ CONHECER 10 MANDAMENTOS!
MANDAR	A mamãe mandou acabar a brincadeira e ir dormir.	M-Ã-E MANDAR BRINCADEIRA ACABAR IR DORMIR.

Com essa transcrição dos exemplos para Libras os lexicógrafos “mostram o modo de formular a frase nessa língua em situação de uso da Libras” (SILVA, 2012, p. 250), sendo possível observar algumas diferenças entre a estrutura frasal entre as duas línguas. Seria interessante se também houvesse um vídeo demonstrando como seria esse exemplo sinalizado, os vídeos presentes no dicionário apresentam apenas o sinal sendo realizado, demonstrando o seu movimento, a expressão facial/corporal, mas não apresenta a descrição da forma do sinal.

Nossas análises nos possibilitam dizer que mesmo que o dicionário seja intitulado como Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, há uma dominância da Língua Portuguesa escrita sobre a Libras, isso porque grande parte das informações contidas nele, foram organizadas partindo do conhecimento linguístico sobre a Língua Portuguesa, temos, portanto, poucas informações sobre a Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo ao desenvolver este estudo foi de compreender o funcionamento dos instrumentos linguísticos da Língua Brasileira de

e nem reflete diretamente a realidade, pois ele corresponde a uma projeção imaginária do real: de um público leitor, de uma concepção de língua e de sociedade.” (NUNES, 2006, p.20).

Para este artigo, analisamos um verbete do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais por Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2011), este encontra-se disponibilizado de forma gratuita nos sites da Acessibilidade Brasil e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Através do nosso recorte, observamos que este dicionário se apresenta bilíngue, pois encontramos grande parte das informações partindo dos conhecimentos linguísticos sobre a Língua Portuguesa.

Acreditamos que acompanhar o movimento de produção dos instrumentos linguísticos da Libras nos leva a compreender o processo de legitimação desta língua no país. Concordando com o que explicita Silva (2012, p. 260), no mesmo momento em que a Libras é legitimada, através dos estudos científicos sobre a língua, também se institucionalizam os saberes produzidos, por meio dos dicionários, gramáticas, manuais, leis e decretos, dito de outra forma, o processo de produção dos conhecimentos lin-

guísticos sobre a Libras está relacionado com o seu processo de legitimação e institucionalização.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

LIRA, Guilherme de Azambuja; SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Acessibilidade Brasil, Versão 3, 2011. Disponível em: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/3/>. Acesso em: 18 de mar. de 2022.

BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Aspectos da gramatização da Libras: acontecimentos linguísticos e políticos. In: CAVALHEIRO, Juciane; JESUS, Carlos Renato R.; JUSTINIANO, Jeiviane (orgs.). Abralín em Cena Amazonas: Anais. Manaus: UEA Edições, 2014. ISBN: 978-85-7883-280-3.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 18 de mar. de 2022.

FERREIRA, Lucinda. Por uma gramática de língua de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FREITAS, Ronaldo Adriano de. Instrumentação linguística em rede: Análise discursiva de dicionários online. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

MARIANI, Bethania et al. Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 24, n. 3, p. 530-553, jul.-set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/download/19904/13603>. Aces-

so em: 20 de jun. de 2022.

NUNES, José Horta. Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários. 1996. 266 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270697>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. Dicionários no Brasil: análise e história. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Dicionários: história, leitura e produção. Revista de Letras, Taguatinga, DF, v. 3, n. 1/2, p. 06-21, Ano III, dez. 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia discursiva. Alfa, São Paulo, n. 44, p. 97-114, 2000.

_____. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). História das ideias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas/Cáceres: Pontes/Unemat, 2001.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michael Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha et al. Libras: conhecimentos além dos sinais. São Paulo:

Person Prentice Hall, 2011.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. *Língua e instrumentos linguísticos*, Campinas: RG Editora, n. 29, p. 23-37, jan./jun. 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rebello. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Armed, 2011.

SILVA, Nilce Maria. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Submissão: maio de 2022.

Aceite: julho de 2022.